

Diálogos Mecila: #03 Ouvindo a Pandemia

Raphael: Esse som deve ter se tornado familiar pra você nos últimos meses. Ou qualquer outro que indique o começo de uma videoconferência. As reuniões online passaram a ocupar ainda mais espaço no cotidiano de muita gente com a pandemia do novo coronavírus. E com elas, está ficando comum ouvirmos as vozes das pessoas com quem convivíamos quase que diariamente soarem sempre dentro de uma ligação online.

As vozes através de máscaras também se tornaram comuns. Até repórteres têm usado elas nos telejornais. Esses sons falam de hábitos que estão se tornando cada vez mais presentes no dia-a-dia em razão da pandemia. São parte das nossas tentativas de nos protegermos dessa doença e de reorganizarmos a vida.

Logo que o novo coronavírus começou a se espalhar e medidas de isolamento social começaram a ser seguidas, uma coisa se tornou notável: ficar doente está longe de ser o único efeito que a pandemia produz.

***Melanie Metzen (interpretação do diário de Guo-Jing):** O mundo está quieto e o silêncio é horripilante. Eu moro sozinha e só consigo notar que há outras pessoas por perto pelos sons ocasionais do corredor. Saí de casa de novo hoje. Eu queria explorar um pouco mais. Faz só dois meses que mudei pra Wuhan. Não tenho muitos amigos aqui e não conheço a cidade direito. Eu sinto que preciso me fazer ouvir e romper as amarras. Por volta das 8 da noite ouvi das janelas gritos de “vai, Wuhan!”. Esse canto coletivo é uma forma de empoderamento.*

Raphael: Esses são trechos do diário de Guo-Jing, uma assistente social de 29 anos, que escreveu sobre sua experiência de isolamento social para a rede britânica BBC no início de 2020. Nessa época, Wuhan na China ainda era o centro do que viria a se tornar a pandemia como a conhecemos hoje.

Assim como Guo-Jing notou, a paisagem sonora de muitas cidades pelo mundo se transformaria com a chegada do vírus. Essas mudanças e relatos pessoais como os dela, se proliferaram pelo mundo.

Mas, o que esses sons e histórias podem nos contar sobre como a pandemia e o isolamento social nos afetam? E o que eles podem nos dizer sobre as formas diferentes e desiguais de convivermos com o novo coronavírus?

Aqui fala Raphael Concli e eu sigo com vocês no episódio de hoje. Bem-vindas e bem-vindos a mais uma edição do Diálogos Mecila.



Raphael: Não é difícil observar algumas mudanças que a pandemia tem causado pelo mundo. Grandes metrópoles esvaziadas, os canais de Veneza mais limpos, leões dormindo no meio de estradas de safáris. Mas os sons — ou a falta deles — também expressam essas mudanças.

Na medida em que o coronavírus se espalhava pela cidade de São Paulo e a quarentena passou a ser recomendada, a professora Giselle Beiguelman percebeu um súbito silêncio na região onde mora, no centro da cidade, que não é conhecido exatamente pela sua tranquilidade.

Nessa mesma época, por volta do mês de março, muitos painelaços passaram a ocorrer pelo Brasil em protesto contra o governo de Jair Bolsonaro, sempre por volta das oito e meia da noite.

Painelaços e gritos de ordem: Bela Vista 1712 - Fora Bolsonaro

Raphael: Essas performances coletivas e anônimas, os *janelaçõs*, como Giselle prefere chamá-los, também despertaram a atenção dela.

Giselle Beiguelman:

Eu estou falando com você e está começando um painelaço aqui. Raphael, eu vou ter que dar um pause aqui no gravador, porque eu preciso pegar isso.

Raphael: Bem, justamente nesse dia da entrevista, aconteceu um *janelaçõ!* De todo modo, a discussão ganhou a sala de aula. Giselle ministra uma disciplina de pós-graduação em Design na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Giselle Beiguelman:

[...] e essa disciplina foi atropelada pela pandemia. Nós tivemos uma aula presencial e a seguinte nós já entramos no processo remoto.

Raphael: Mas essa nova paisagem sonora que a Giselle percebeu, com silêncios cotidianos e *janelaçõs* noturnos, não era bem a mesma para todo mundo.

Vinicius Almeida:

Então o pessoal começou a discutir que concordava, que a casa estava vazia, o pessoal que mora no centro, na zona oeste. E eu moro na zona leste, na verdade eu moro na residência estudantil na USP, na zona oeste, mas voltei para casa dos meus pais em Ermelino Matarazzo e lá não, pelo menos eu não tinha reparado nenhuma mudança no cotidiano nesse questão do som, do barulho e tal. Começamos a pensar que a quarentena, o isolamento social também não seria homogêneo, essa foi a nossa linha de investigação.



Raphael: Esse é o Vinícius Santos Almeida. Ele está fazendo o Doutorado em Geografia Humana na USP e cursa a disciplina da professora Giselle.

Giselle e os alunos decidiram então que era preciso ouvir mais. E registrar. Todos começaram a realizar gravações em horários fixos ao longo do dia, não só em São Paulo, mas também em outros lugares de onde os alunos vêm. Surgiu assim o projeto “Janelas Desobedientes”. O trabalho ainda está em desenvolvimento. Além de um site, o projeto deve se tornar também uma instalação artística.

Giselle Beiguelman:

A partir daí fomos desenhando uma plataforma que pudesse dar conta dessa diversidade do som no espaço e que permitisse entender como, em uma situação pautada pela imobilidade e uma certa monotonia visual, o som se transformava no indicador ou no marcador social mais preciso de compreensão da complexidade da distribuição da quarentena e portanto do impacto da covid no tempo e no espaço da cidade de São Paulo.

Raphael: Com a diminuição do fluxo de pessoas e veículos, os sons da natureza na cidade ganham relevo. Sejam os pássaros ocultos em São Paulo ou a maré de Santos, que soa ainda mais alto. Mas a vida social também soa diferente. Silêncios e ruídos refletem como o trabalho se distribui na cidade, como notou a professora Giselle.

Giselle Beiguelman:

A presença e a ausência do trabalho, ou seja, do teletrabalho e do não teletrabalho, estão todos trabalhando, a não ser aqueles que foram nessa necropolítica nossa cotidiana marginalizados absolutamente. Ou seja, você tem um aumento substancial nas regiões que nós contemplamos da presença do teletrabalho que se revela no silêncio, na diminuição dos ruídos nas ruas.

A presença constante do ruído nas áreas, em que atividades como a construção civil permaneceu, independentemente da quarentena. A presença desses outros ruídos que vão revelando que você tem um contingente populacional que não foi absorvido nem pelo teletrabalho e que foi expulso dos seus postos de trabalho anteriores.

Raphael: Essas diferenças que os sons traduzem não surgiram com a pandemia. São reflexos de desigualdades que já existem, e que se tornam mais evidentes numa situação como essa, como lembra o historiador Jeffrey Lesser. Ele é professor de estudos brasileiros na Universidade Emory, em Atlanta, Estados Unidos, e também faz parte da rede de pesquisadores ligados ao Mecila.



Jeffrey Lesser:

Em minha opinião enquanto pesquisador, a crise não cria desigualdades. O que a doença, ou a pandemia cria é um aumento do tamanho da desigualdade, ou seja, piora a situação. Mas, por exemplo, eu não acho que a Covid criou falta de água nas comunidades, não criou tamanho de residências, isso já existe há 200 anos.

E trabalhar de casa quer dizer muita coisa, quer dizer internet de alta velocidade, quer dizer cartão de crédito que permite você comprar do supermercado pela internet e eles te entregam em casa. Ou seja, a doença mostra de uma forma extremamente brutal todas as desigualdades da vida que às vezes estão ou escondidas, ou não queremos ver.

Raphael: Mais recentemente, o professor Jeffrey e sua equipe vem observando as relações entre saúde pública e saúde do público, ou seja, as instituições, pessoas e ideias que compõem o sistema de saúde e como o público entende sua saúde e a relação com esse sistema. O foco atual do grupo é o bairro do Bom Retiro, em São Paulo.

Mas Jeffrey observa de perto a relação entre saúde e desigualdades no Brasil há algum tempo. Durante a epidemia de Zika em 2015, ele investigou como as realidades locais interferem na distribuição da doença.

Observando São Paulo, foi fácil notar que as regiões mais pobres tinham mais dificuldade de se proteger da doença. E isso não só devido a alta concentração de moradores por casa. Os problemas estruturais dos bairros também têm papel fundamental, assim como a distância dos formuladores de políticas públicas em relação a essas populações. Agora, com a Covid-19, o cenário se repete.

Jeffrey Lesser:

No Brasil tem prédios altos onde cada andar tem um apartamento, aquele apartamento tem uma sala chamada cozinha, uma sala chamada dormitório, uma chama chamada sala de estar, cada sala tem seu nome e essas salas têm portas etc. Mas muitos brasileiros moram numa residência onde a cozinha, a sala de estar e o dormitório são uma única sala. Numa situação onde pessoas são extremamente próximas, a doença se espalha de uma forma diferente do que em outras situações.

Por exemplo, é interessante que no Bom Retiro, muito dos imigrantes que moram bastante em Oficinas, que são espaços com mini fábricas de costura onde as pessoas trabalham e moram no mesmo espaço, ou em cortiços e pensões, muitos imigrantes voltaram para seus países. Porque eles são de lugares rurais na Bolívia, ou no Paraguai etc e acham mais seguro e provavelmente têm razão, morar em uma situação menos fechada. Isso é um impacto muito claro.



Raphael: Como a gente percebe, as desigualdades históricas não se manifestam apenas na maneira como uma doença afeta as pessoas e como ela encontra condições mais ou menos fáceis para se disseminar. As desigualdades também se mostram no impacto que medidas como o isolamento social tem no trabalho e no uso de espaços privados e públicos.

E isso a gente nota nos diferentes efeitos da quarentena sobre a vida doméstica e familiar. Esse também foi um aspecto que chamou a atenção da professora Giselle Beiguelman e seu grupo: a redescoberta dos sons da vizinhança em tempos de pandemia.

Giselle Beiguelman:

Quanto às pessoas, a maior parte das pessoas que moram em apartamentos, se tornaram capacitadas a perceber os outros ao redor e a sua frente a partir dos sons que são emitidos em cada um desses lugares.

Os ruídos de refeição, os ruídos de conversas, os ruídos de brigas. Então tem toda uma camada sonora da cidade que revela uma dinâmica social que desaparece no seu cotidiano mais ruidoso

Raphael: Mas nem todo lugar registrou esse tipo de transformação. E os sons da vida privada também se mostraram como um importante marcador social da diferença.

Em cidades como São Paulo, nas áreas com população de maior renda, com a maior parte das moradias sendo apartamentos com poucas pessoas, ficar mais em casa e ouvir os vizinhos soa como novidade. Em outras regiões, é a permanência de sons já conhecidos que marca as formas desiguais de se conviver com a pandemia.

Vinicius Almeida:

Eu penso que isso tem muito a ver com o fato de que o cotidiano, de que esse cotidiano confinado em bairros periféricos, principalmente em bairros com menos infraestrutura, acaba sendo mais difícil reproduzir um cotidiano nesse contexto. Você não consegue ficar dentro de casa, pois seu cotidiano envolve estar em movimento na rua e estar dentro de casa você não tem as mesmas condições mesmo estrutura para manter a sociabilidade com as pessoas que é uma coisa muito mais de bairro de rua, eu acredito que é diferente do centro.

Mas aí você consegue, você começa a reparar que não só de trabalhadores vive a periferia, então você começa a reparar que tem as crianças brincando na rua e isso não pára, porque não tem o que fazer se não brincar, não existe vida para uma criança se ela não está na escola ou brincando e ela não está na escola.

Raphael: No bairro do Vinicius, na zona leste de São Paulo, os sons da rua não cessaram. Seja das crianças brincando ou das festas, era comum registrar sons de encontros em casa, ou a



batida do funk no cotidiano. Por um lado, a gente percebe a dificuldade do isolamento social. Mas essas manifestações não deixam de ser, como o Vinícius conta, um registro de como a própria vida se afirma.

Vinicius Almeida:

Mas pensando no que eu registrei em Ermelino Matarazzo, também é música e de certa forma agrada quem está lá, agrada quem está ouvindo, quem coloca a música, então tem isso também, sabe? De pensar o que está sendo registrado como barulho, como ruído e como som, às vezes essa mudança de som. Às vezes estar mais silencioso não é algo positivo, estar mais barulhento não é algo necessariamente negativo. É mais uma forma de mostrar "olha estou aqui, estou bem, estamos vivendo, estamos mantendo a sanidade."

Fico pensando que as pessoas de classe média conseguem manter um consumo de cultura, um consumo literário, um consumo político pela internet, mas em muitos bairros periféricos e pobres não tem como dentro de casa continuar consumindo música, continuar consumindo o que se consome normalmente. Acho que esse é um dos pontos que eu destacaria, a rua, fica cada vez mais evidente que, é um lugar de reprodução da vida nesses bairros periféricos.

Relato de jovem em Ipatinga: *Eu tô vivendo realmente as consequências da pandemia e do isolamento. Descobri uma ansiedade que eu nunca tinha sentido na vida. Estou tentando lidar melhor com ela. Porque a pandemia veio num momento muito turbilhado da minha vida e paralisou tudo. Tinha acabado de passar na faculdade, ia começar a estudar agora. Aluguei um apartamento, estou passando um sufoco agora pra pagar, nem morando lá estou.*

Raphael: Essa voz é de uma jovem de Ipatinga, uma cidade do Estado de Minas Gerais, no Brasil. Não sabemos quem ela é. Mas talvez você se identifique com o que ela está contando. Ou conheça alguém em situação parecida.

Essas pequenas narrativas do cotidiano, tal como a da chinesa Guo-Jing do começo do episódio, se tornaram também uma marca desses tempos de pandemia. E tal como os sons da cidade, são registros que constroem uma história das diferentes formas de conviver com os efeitos do novo coronavírus.

Relato de Jovem em Mainz: *A pandemia de Corona pra mim significa também saber valorizar umas coisas mais do que antes. Por exemplo, ter um trabalho seguro, ter tempo para uma caminhada fora no sol, todo dia. Namorar.*

Raphael: É isso que o projeto Cartografia das Memórias procura registrar. A ideia consiste em receber relatos em áudio de até 5 minutos sobre como a pandemia afeta você. Não é preciso se



identificar, só dizer a cidade e bairro onde você está. Os relatos são distribuídos num mapa que fica disponível no site do projeto. Cada alfinete marca uma dessas histórias que pode ser ouvida.

O Cartografia faz parte da iniciativa “Laboratório de Emergência - Covid 19”, uma chamada para projetos culturais, artísticos e educacionais relacionados à pandemia. Quem promove a seleção é a organização “Silo, Arte e Atitude Rural” e o “Instituto Procomum”, em parceria com várias outras instituições.

A pandemia tem trazido uma infinidade de informação todos os dias, que a Organização Mundial da Saúde até já chamou de *infodemia*. Já há tanto sendo dito sobre o assunto e ele está tão presente no cotidiano, que não parece fazer muito sentido ouvir relatos aleatórios de anônimos pelo mundo.

Mas viajar por esse mapa de relatos tem algo de fascinante. Não só pelo sentimento de uma experiência compartilhada pelo mundo todo, mas também pelo imprevisível do que virá em cada áudio. Todos temos algo a dizer sobre como estamos vivendo a pandemia. Mas o que cada um vai escolher?

Relato de professor de kung-fu: *Eu estou há pelo menos duas semanas tentando encontrar o momento pra fazer esse relato, porque eu não queria que ele fosse um relato mal-humorado. Mas o fato é que conservar bom humor durante todo esse período de reclusão é muito difícil.*

Na verdade essa é a parte mais difícil de ficar em casa, porque sendo professor a minha vida faz muito mais sentido quando eu tô em contato com as pessoas, porque é quando sinto que estou fazendo alguma diferença no mundo. Tirando que eu sou professor de Kung-Fu, que não é exatamente um grande conhecimento revolucionário, mas acho que tem uma potência na prática corporal que eu acho que consigo mais ou menos transmitir.

E agora em quarentena eu tenho treinado num espaço de 3 metros por um e meio. Faz duas semanas eu fissurei meu pé chutando o sofá, porque eu estava tentando fazer um movimento novo e ele meio que não cabia.

Então já faz 70 dias que todo esse conhecimento corporificado tá sendo exercido num espaço que não dá nem pra rodar minha espada direito, que dirá lança, facão. A comunidade de professores de artes marciais está preocupadíssima, tem gente fechando academia, tem gente, enfim...

Relato Mãe Trabalhadora: *Mas eu particularmente antes dessa quarentena eu não tinha muito tempo, eu tava levando uma vida muito corrida, né. No trabalho, em casa, com os filhos, com o marido. Era tudo no automático, né?*

E agora não, tem sido uma grande benção para mim essa quarentena. Eu tenho tido mais tempo pra minha casa, pros meus filhos, pro meu marido. Tenho tido mais tempo para meditar, pensar nas coisas, e no trabalho também. Me adequar em dias. Se organizando em tudo, na vida profissional, na vida familiar. E tem sido muito bom esse momento. Amém!



Raphael: Como você percebeu, as histórias e sentimentos contados por essas pessoas se diferenciam bastante, mas mesmo assim guardam algo em comum. São pessoas contando mudanças no seu cotidiano e do peso que o trabalho tem. Já outros relatos seguem direções completamente diferentes. Há quem leia reflexões sobre o tempo e a morte. Outros reportam situações cotidianas, como uma fila de banco com pessoas sem máscara. Há quem faça denúncias contra poderosos locais e suas campanhas de desinformação, e há quem ressalte a importância do cachorro.

Clarice Lacerda:

Acho que essa diversidade nos interessa muito porque ela aponta o fato de não existir um relato único em um evento dessa magnitude ele vai atingir e vai ser ser uma coisa diferente para cada um.

Hércules Ferreira:

E nesse ponto é como se fosse uma espécie de confessionário, indo adiante, um repositório, feito uma caixa do futuro sem data para ser aberta. Então a gente vai deixando ali registrado todo esse cotidiano. Então particularmente o projeto é interessante porque ele justamente reafirma esse acontecimento, que é o da exposição e da fragilidade humana.

Raphael: Você ouviu agora a Clarice Lacerda, artista visual que integra o Cartografia das Memórias, e o Hércules Ferreira, doutorando em memória social pela UniRio. Ambos fazem parte da equipe bastante diversa do projeto. Na nossa conversa, ficou claro que o interessante da iniciativa não é que ela dá voz às pessoas, mas sim o fato de que ele dá relevância ao próprio ato de dizer e de ouvir.

Clarice Lacerda:

Através da escuta do outro, da diferença, de outro lugar, de outra clausura digamos assim, eu pude imaginar diferente a minha própria clausura. É como se dentro do meu espaço doméstico real, concreto, na minha casa onde eu estou fazendo o isolamento, que comporta o meu corpo com todo o meu imaginário, eu tivesse a possibilidade através da escuta de ter a convivência de outros imaginários.

Então acho que é muito interessante como que o som nesse sentido ele ative esse corpo que está aqui, ele entra nesse corpo que está aqui. Então pra mim tem sido.. é curioso porque é como se ouvir a angústia do outro, reposiciona a minha própria angústia e ouvir a alegria do outro reposiciona a minha própria alegria.

Raphael: Foi justamente pensando na necessidade de simplesmente ser ouvido que o Cartografia das Memórias preferiu os relatos apenas em áudio, como ressalta a Keila Zaché. Ela



é bióloga e doutoranda na Universidade Estadual do Rio de Janeiro e foi quem teve a ideia inicial do projeto. Mas esse gesto da escuta nem sempre é fácil, conta a Keila.

Keila Zaché:

Tem essa coisa também do que é a demanda e a necessidade de cada um. Enquanto essa pessoa acha que a pandemia era importante para ela ter um tempo, um tempo para cuidar de si, para conviver com os familiares tem uma galera que não tem espaço dentro de casa para manter o distanciamento se alguém ficar doente, tem gente que não tem água encanada, isso me angustia um pouco. Os relatos são de outras pessoas, mas ele te atravessa.

***Relato - Médico:** Noite passada eu perdi um paciente. E esse era um paciente muito querido lá no bairro em que eu trabalho. Eu trabalho atualmente numa periferia da zona rural de Angra dos Reis, que é uma situação que tem uma vulnerabilidade social muito grande, com a presença Mas o falecimento do seu Jaci me afetou de uma maneira um pouco mais forte talvez. Ou por estar recente, ou por eu não conseguir dormir agora.*

Era o senhorzinho que tinha o carinho de toda consulta que ia, de me levar os abacates, porque ele sabia que eu gostava de abacate e no quintalzinho dele tinha um pé de abacate, e ele sempre levava pra mim. E o quanto que eu vou sentir falta dele, né? E eu fico imaginando a quantidade de pessoas...

Raphael: Esses registros, como tantos outros que tem ocorrido nos ambientes virtuais, irão compor parte das memórias muito diversas sobre a pandemia do novo coronavírus. A proliferação desses relatos individuais mostra como toda crise de saúde na verdade entrelaça inúmeras questões: médicas, sociais, políticas, econômicas. Problemas públicos e privados. Ao mesmo tempo, essas histórias constroem um mosaico de narrativas sobre como são diferentes e desiguais as formas de atravessar uma pandemia.

Mas se a própria infinidade de testemunhos mostra quão diversa uma mesma experiência pode ser, há um traço que atravessa todos eles, como a Clarice do Cartografia das Memórias apontou: questões íntimas são extremamente políticas. Tanto nas angústias como nas expectativas de reconstrução que o momento atual traz. Talvez o relato a seguir desta mulher moradora da Itália seja uma síntese disso.

***Relato – Sicília:** Lo que me ha pasado a mi, obviamente, tenía que ver principalmente con dos universos, lo que pasa en mi país y lo que pasa en mi vida personal. A nivel de país, me ha generado dolor, la forma digamos, mayoritaria, con la cual el país ha reaccionado.*

Italia es un país en el cual, en los últimos 20, 30 años hemos visto que valores como la solidaridad, los vínculos de comunidad, van perdiendo territorio. Es una sociedad que lamentablemente, dolorosamente se está volviendo más individualista de lo que era cuando yo era niña o adolescente. Y esto me ha generado dolor.



Esto es como que lo principal que rescato de esta época, por un lado, la importancia de vivir en lugares donde podamos rescatar los ritmos de la tierra, la conexión con la tierra, y los vínculos, los vínculos lejanos también con amigos y personas en otros lugares del mundo que tienen la misma visión de la vida.

Así que considero también este testimonio que dejo como parte de este proceso de fortalecimiento de redes de sentido de vida y de luz. Un abrazo muy, muy grande.

Raphael: Essa foi mais uma edição do Diálogos Mecila. Eu gostaria de agradecer muito às equipes do projeto Janelas Desobedientes e do projeto Cartografia das Memórias que permitiram o uso dos seus áudios aqui no podcast. E obrigado também ao professor Jeffrey Lesser pela nossa conversa.

Você que está ouvindo aqui o nosso podcast, que tal mandar o seu relato pro pessoal do Cartografia das Memórias? É super simples. Lá no site cartografiadasmemorias.xyz você descobre como fazer. O link está também na descrição do nosso episódio.

O Diálogos Mecila é uma produção do Maria Sibylla Merian Centre Conviviality-Inequality in Latin America. Jörg Klenk é nosso coordenador científico. O editor científico é Joaquim Toledo Jr. Melanie Metzen é a coordenadora de comunicação e fez a leitura do diário de Guo-Jing. O apoio de produção é de Gustavo Diniz.

Eu sou Raphael Concli e agradeço a você que nos ouviu até aqui. Até a próxima!